

Área Temática: Empreendedorismo, Startups e Inovação

**EMPREENDEDORISMO NUMA PERSPECTIVA INTEGRATIVA E  
MULTIDISCIPLINAR**

## **Resumo**

O presente trabalho se configura como um ensaio teórico com o objetivo de revisar as distintas abordagens acadêmicas que buscam definir o empreendedorismo. Essa tarefa é realizada com base em estudos prévios, que separa o empreendedorismo por escolas, com base no perfil e abordagem do tema, bem como as investigações de Julien (2010) e Verga e Silva (2015), a partir das múltiplas perspectivas e abordagens que o empreendedorismo vem adquirindo, evidenciando-o como um campo de estudos em constante ascensão. Na condução do presente ensaio, foi possível obter resultados que permitiram aprimorar as escolas conceituais. Nesse sentido, foi possível identificar novas escolas, entre as quais se destaca a escola do empreendedorismo social. Tal abordagem, emergente nos últimos anos, amplia as fronteiras do conhecimento e proporciona uma compreensão mais abrangente das manifestações empreendedoras na sociedade contemporânea. A principal implicação deste estudo reside na organização conceitual do campo do empreendedorismo. Ao abordar as diferentes escolas e perspectivas existentes, busca-se elucidar a heterogeneidade conceitual que envolve o construto do empreendedorismo. A identificação dessas nuances conceituais contribui para uma melhor compreensão do fenômeno e direciona futuras investigações, visando preencher lacunas ainda existentes. Além disso, é importante enfatizar a necessidade de avançar no desenvolvimento de políticas públicas alinhadas com a compreensão consensual de que o empreendedorismo é uma poderosa ferramenta para o crescimento econômico e social dos países. Por meio da promoção da autonomia individual, da geração de renda, da criação de empregos e da distribuição equitativa de riquezas, o empreendedorismo se consolida como um elemento-chave para o desenvolvimento sustentável.

**Palavras-chave:** empreendedorismo; comportamento empreendedor; escolas do empreendedorismo; abordagens do empreendedorismo.

## **Abstract**

The present work takes the form of a theoretical essay with the aim of reviewing the distinct academic approaches that seek to define entrepreneurship. This task is carried out based on previous studies, which categorizes entrepreneurship into schools, based on the profile and approach of the subject, as well as the investigations by Julien (2010) and Verga e Silva (2015). These studies showcase the multiple perspectives and approaches that entrepreneurship has been acquiring, highlighting it as a field of study in constant ascent. In conducting this essay, it was possible to achieve results that enhanced the conceptual schools. In this regard, new schools were identified, with particular emphasis on the school of social entrepreneurship. This emerging approach in recent years broadens the boundaries of knowledge and provides a more comprehensive understanding of entrepreneurial manifestations in contemporary society. The primary implication of this study lies in the conceptual organization of the entrepreneurship field. By addressing the different existing schools and perspectives, the aim is to elucidate the conceptual heterogeneity surrounding the construct of entrepreneurship. Identifying these conceptual nuances contributes to a better comprehension of the phenomenon and guides future investigations, with the aim of filling existing gaps. Furthermore, it is important to emphasize the need to advance the development of public policies aligned with the consensus understanding that entrepreneurship is a powerful tool for the economic and social growth of countries. Through promoting individual autonomy, income generation, job creation, and equitable distribution of wealth, entrepreneurship solidifies itself as a key element for sustainable development.

**Keyword:** entrepreneurship, entrepreneurial behavior, entrepreneurship school, entrepreneurship approaches

## **Introdução**

O empreendedorismo é um campo de estudos crescente e dinâmico, cujo significado tem sido modificado ao longo do tempo. No passado, o termo "empreendedor" era frequentemente associado pejorativamente a indivíduos que assumiam riscos e tomavam decisões arriscadas (Drucker, 1987; Fillion, 1999). No entanto, o empreendedorismo passou a ser visto como uma forma de promover o progresso das nações, assim como a geração de riqueza e renda, além de conotações positivas (Julien, 2010; Verga; Silva, 2015).

Nestas diferentes perspectivas sobre o empreendedorismo, a abordagem tradicional, conforme conceitos de Sarasvathy (2001), é a causalidade, que se baseia na ideia de que os empreendedores começam com um plano e depois tentam implementá-lo. No entanto, outra abordagem, chamada de efetuação, argumenta que os empreendedores não começam com um plano, mas sim com os recursos que têm disponíveis e então trabalham para criar oportunidades a partir desses meios.

Sarasvathy (2001) argumenta que a efetuação é uma abordagem mais realista para o empreendedorismo, pois leva em consideração a natureza incerta e imprevisível do ambiente de negócios. Baker e Nelson (2005) também argumentam que a efetuação é uma abordagem mais eficaz para o empreendedorismo, pois permite que os empreendedores sejam mais flexíveis e adaptáveis às mudanças, inserindo o conceito de empreender como um sistema de Bricolagem.

Este ensaio teórico tem como objetivo revisar as distintas ações acadêmicas que buscam definir o empreendedorismo. Essa tarefa é realizada com base em estudos prévios que separam o empreendedorismo por escolas, com base no perfil e abordagem do tema, a partir tanto das múltiplas perspectivas quanto das interpretações que o empreendedorismo vem adquirindo, evidenciando-o como um campo de estudos em constante ascensão.

A principal implicação deste estudo reside na organização conceitual do campo do empreendedorismo. Ao abordar as diferentes escolas e perspectivas existentes, busca-se elucidar a heterogeneidade conceitual que envolve o construto do empreendedorismo. A identificação dessas nuances conceituais contribui para uma melhor compreensão do fenômeno e direciona futuras investigações, visando preencher lacunas ainda existentes. Além disso, é importante enfatizar a necessidade de avançar no desenvolvimento de políticas públicas alinhadas com a compreensão consensual de que o empreendedorismo é uma poderosa ferramenta para o crescimento econômico e social dos países.

Em função da multiplicidade de conceitos, o presente trabalho organizou as definições de empreendedorismo a partir de escolas que buscaram definir o termo, em especial, partindo da abordagem dada por Cunningham e Lischeron (1991). A partir dos estudos de Julien (2010) e Verga e Silva (2015) foram organizadas as escolas e abordagens na qual o construto tem sido demonstrado a partir da sua interdisciplinaridade e caráter integrador.

O artigo está organizado na primeira sessão com empreendedorismo: escolas e definições, a segunda com a análise do resultado e, por fim, as considerações finais com os apontamentos de pesquisas futuras.

## 2 Empreendedorismo: Abordagens e alcance

Desde a introdução do conceito que caracteriza o empreendedor como aquele capaz de empregar tecnologia e, sobretudo, inovação na formação de empresas, conforme delineado por Schumpeter (1984), emerge a perspectiva que reconhece o papel crucial dessas práticas (tecnologia e inovação) na promoção do progresso econômico de uma nação. Nesse cenário, o termo "destruição criativa" foi estabelecido, capturando o processo pelo qual os empreendedores conferem forma às suas ideias e inovações por meio do estabelecimento de novos empreendimentos, os quais são aqui compreendidos como sociedades empresariais.

Drucker (1987) ao citar J. B. Say relembra que, por volta de 1800, o empreendedor era conceituado como alguém da atividade comercial que consegue transferir recursos econômicos de um setor primário e de menor valor agregado para outro de maior produtividade ou valor agregado. No entanto, o próprio Drucker (1987) afirma a incompletude do conceito de Say e, ao separar os empreendedores de seus empreendimentos, os define como pessoas que são capazes de gerar mudanças a partir de oportunidades identificadas, não limitadas ao seu próprio talento. O autor, segue demonstrando o distanciamento da ideia de que a pessoa empreendedora deverá ser detentora de todos os talentos ou habilidades especiais, mas sim a um conceito de empreendedor como aquele capaz de mobilizar recursos e pessoas de modo diferente, bem como interdisciplinar, valorizando as experiências e saberes (conhecimentos) diferentes (Drucker, 1987).

É possível observar na articulação dos dois conceitos iniciais de Schumpeter (1984) e Drucker (1987) que ainda não é possível determinar se o empreendedor é aquele que inicia uma nova empresa ou aquele que dedica tempo a desenvolvê-la, mesmo que não tenha sido ele a iniciar. Desta forma, o termo empreendedorismo inicia-se com inúmeras segmentações, como bem descrito nos estudos de Filardi *et al.* (2014).

Nos estudos de Fillion (1999) e Filardi *et al.* (2014), nota-se que o termo empreendedorismo tem origem no francês "*entreprendre*" que tem a ação de fazer algo, mas os autores demonstram que o termo também era utilizado, inicialmente, de maneira negativa para os que organizavam brigas e, em seguida, passado a empregar aos que organizavam as tropas, mais tarde, também aqueles que assumiam a responsabilidade de erguer edificações, também presente nos estudos de Verga e Silva (2015). Com o tempo, foi passando a ser empregado às pessoas que, em condições de pouco desenvolvimento econômico, passaram a criar e distribuir riquezas por meio de seus negócios, em especial, os comerciantes.

O empreendedorismo é um processo complexo e multifacetado que envolve uma série de fatores, incluindo a criatividade, a inovação, o risco e a capacidade de mobilizar recursos. O conceito de empreendedorismo tem evoluído ao longo do tempo, e há uma variedade de diferentes definições e perspectivas sobre o que é o empreendedorismo. Uma definição clássica o construiu foi dado por Schumpeter (1984), que o definiu como "o processo de destruição criativa", ou seja, o processo de inovação que leva à criação de novos produtos, serviços ou processos, e à destruição dos antigos.

Outras correntes de pensamento sobre o empreendedorismo buscam por novas perspectivas e definições. Por exemplo, Sarasvathy (2001) argumenta que o

empreendedorismo não é um processo de causalidade, mas sim um processo de efetuação. Isso significa que os empreendedores não começam com um plano e depois tentam implementá-lo, mas sim começam com os recursos que têm disponíveis e então trabalham para criar oportunidades a partir desses recursos. Outra corrente de pensamento sobre o empreendedorismo, defendida por Baker *et al.* (2005), argumenta que o empreendedorismo é um processo de bricolagem. Isso significa que os empreendedores não criam algo do zero, mas sim reaproveitam recursos existentes e os combinam de novas maneiras para criar algo novo.

Por fim, Cunningham e Lischeron (1991) organizam o empreendedorismo no que chamaram de “escolas” as quais tratam sobre o construto apresentando aqueles que lideram organizações que não necessariamente foram por eles fundadas, dentre outras características comuns aos conceitos de empreendedorismo e empreendedores.

Em suma, o empreendedorismo é um processo complexo e multifacetado que envolve uma série de fatores. Não existe uma única definição de empreendedorismo, e há uma variedade de diferentes perspectivas sobre o que é o empreendedorismo. No entanto, todas elas aqui articuladas compartilham a ideia de que o empreendedorismo é um processo de criação de valor por meio da inovação.

A função do empreendedorismo, bem como a figura do empreendedor são temas presentes nos estudos relacionados ao desenvolvimento econômico e suas abordagens, conforme apontado desde os escritos de Pastore (1970), que justifica a importância dos empreendedores no progresso econômico das nações. O autor compara teorias que levam as pessoas a montarem empresas, entre elas, a desenvolvida McClelland (1958, 1961), a qual detalha os motivos de ação que levaram ao sucesso donos de empresas, partindo da premissa: o empreendedorismo está relacionado a comportamentos específicos, o qual categorizou e originou diversas capacitações no campo comportamental para o desenvolvimento dos comportamentos empreendedores.

McClelland (1987) tem seus estudos baseados na motivação que os fundadores de sociedades empresárias de sucesso tiveram para iniciar suas empresas, trazendo uma definição de que o empreendedor é o indivíduo que tem determinação e motivação elevada além do comum, podendo ser distinto de outros profissionais.

As muitas definições sobre empreendedores, conforme apontado por Cunningham e Lischeron (1991), corroboradas por outros autores, entre os quais, Tavares *et al.* (2013), são descritas como aqueles que têm uma empresa própria ou trabalha por conta própria, ainda que sem constituição formal. Há ainda aquele que, no ato de inovar, acaba por construir um empreendimento com poucos recursos (Tavares *et al.*, 2013). Estas definições concentram-se no debate sobre se a pessoa empreendedora seria apenas a que monta um negócio. Isto excluiria as pessoas que mesmo com os comportamentos de um empreendedor não são os fundadores de empresas, como o caso de quem as herda ou quem faz a gestão e as lidera (Cunningham; Lischeron, 1991; Tavares *et al.*, 2013). Desta forma, originou-se as diferentes escolas que buscam categorizar o campo do empreendedorismo, uma vez que os pesquisadores começam a apontar contradições como, por exemplo, a possibilidade de pessoas serem empreendedoras enquanto trabalham em

corporações, denominado intraempreendedorismo (Cunningham; Lischeron, 1991).

Existem ainda pessoas que apresentam comportamentos empreendedores e trabalham no serviço público ou em exercício de mandato público. A estes denominados pela literatura como empreendedores públicos (De Oliveira *et al.*, 2014). Por fim, as pessoas que movidas por um desejo de impacto social, acabam por liderar organizações as quais visam atender demandas da sociedade que apresentam falhas pela prestação de serviços do poder público, como os empreendedores sociais (De Oliveira *et al.*, 2014; Cunningham; Lischeron, 1991).

### 3 As Escolas do Empreendedorismo

Os estudos sobre empreendedorismo demonstram que ele não pode ser confundido, exclusivamente, com o ato de montar negócios e organizações, apesar de ser um gerador de empregos e motor econômico (Cunningham; Lischeron, 1991; Fillion, 1999; Dolabela, 2008, Dolabela; Fillion, 2013; European Commission, 2017). As competências empreendedoras estão ligadas a uma pessoa protagonista da construção de seu futuro e gerador de inovação, independentemente da posição que ocupa na sociedade.

Sendo assim, as evoluções nas definições de empreendedorismo, motivaram a Cunningham e Lischeron (1991) a buscarem separar os conceitos em escolas, conforme Tabela 1, que após análise dos artigos, foi possível uma adaptação para atualizar os estudos mais recentes sobre o tema.

**Tabela 1** - Resumo das escolas para descrição do empreendedorismo

<b>Modelo Empreendedor</b>	<b>Foco ou Propósito Central</b>	<b>Suposição</b>	<b>Comportamentos e Habilidades</b>	<b>Atitude</b>
Escola da "Grande Pessoa"	O empreendedor tem uma habilidade instituída - um sexto sentido - e traços e instintos com os quais nasce.	Sem essa intuição "inata", o indivíduo seria como o resto de nós mortais que "não têm o que é preciso"	Intuição, energia, persistência e autoestima	vigor, Comece e
Escola das Características Psicológicas	Os empreendedores têm valores, atitudes e necessidades únicos que os impulsionam	As pessoas se comportam de acordo com seus valores; comportamento resulta de tentativas de satisfazer necessidades	Valores pessoais, tomada de risco, necessidade de realização e outros	Comece e cresça inicialmente

Escola Clássica	A característica central do comportamento empreendedor é a inovação	O aspecto crítico do empreendedorismo está no processo de fazer ao invés de possuir	Inovação, criatividade e descoberta	Cresça inicialmente e amadureça
Escola de Administração	Os empreendedores são organizadores de um empreendimento econômico; são pessoas que organizam, possuem, gerenciam e assumem o risco	Os empreendedores podem ser desenvolvidos ou treinados nas funções técnicas de gestão	Planejamento de produção, organização de pessoas, capitalização e orçamento.	Cresça inicialmente e amadureça
Escola de Líderes	Os empreendedores são líderes de pessoas; eles têm a capacidade de adaptar seu estilo às necessidades das pessoas	Um Empreendedor não pode atingir seus objetivos sozinho, mas depende de outros	motivar, dirigir e liderar	Cresça inicialmente e amadureça
Escola Intraempreendedora	As habilidades empreendedoras podem ser úteis em organizações complexas; intraempreendedorismo é o desenvolvimento de unidades independentes para criar, comercializar e expandir serviços	As organizações precisam se adaptar para sobreviver; A atividade empreendedora leva à construção organizacional e os empreendedores tornam-se gestores.	Prontidão para oportunidades, maximizando as decisões	Maturidade e mudança
Escola do empreendedorismo Social	Geração de valor social para pessoas menos favorecidas da sociedade	Os empreendedores buscam solucionar problemas sociais e desejam aumentar a prosperidade de toda a sociedade	Busca Oportunidades que tenham interesse social coletivo, Corre Risco Calculados, lidera entes públicos e privados	Comece e Cresça inicialmente

Fonte: Adaptado de Cunningham e Lischeron (1991).

Por meio da análise das diversas características e comportamentos observáveis abordados nos estudos, Cunningham e Lischeron (1991) categorizaram as escolas com base no foco central do empreendedor em diferentes situações e suposições. Observa-se uma série de evoluções desde os conceitos iniciais de Say, por volta de 1800, e Schumpeter (1984), onde a inovação é destacada como uma característica central do empreendedorismo, impulsionando o avanço econômico e o aparecimento de novas empresas. Esses elementos da escola clássica são discutidos por Sarasvathy (2001) como uma perspectiva de causalidade, onde a ação empreendedora, muitas vezes, é confundida com a ideia de que o processo de



tentativa e erro inerente ao método científico seria o que levaria automaticamente a resultados certos. No entanto, essa abordagem pode levar a falhas no processo de empreender, uma vez que é impossível antecipar e prever todos os riscos. A adaptação contínua do plano é essencial para superar esse desafio levando ao desenvolvimento de seu modelo alternativo de Efetuação (Sarasvathy, 2001).

A escola conhecida como "Grade Pessoa" é aquela que, de acordo com estudos de Cunningham e Lischeron (1991), rapidamente, perdeu relevância, pois parte da premissa de que o empreendedorismo é um dom ou instinto inato com o qual cada indivíduo nasce, uma intuição intrínseca a qual não pode ser desenvolvida. Essa perspectiva foi refutada por diversos estudos, conforme destaca as investigações de McClelland (1972), precursor da escola das Características Psicológicas. Abordagens mais contemporâneas, como a noção de empreendedorismo como competências ou habilidades empreendedoras inseridas em um contexto mais amplo de competências para a vida, conforme indicado nos estudos da European Commission (2017), enfatizam habilidades como mobilização de equipes e colaboração, consideradas fundamentais para o empreendedorismo. É importante notar que essas habilidades não são inatas, mas sim adquiridas por meio de aprendizado, especialmente, quando estimuladas desde os anos iniciais da fase escolar.

McClelland (1972) argumenta que os comportamentos empreendedores podem ser adquiridos e desenvolvem inúmeros treinamentos nesse sentido. De maneira semelhante, Dolabela e Fillion (2013) enfatizam em seu trabalho a importância de uma educação abrangente em empreendedorismo nas escolas, indo além do enfoque exclusivo na criação de negócios e abrangendo comportamentos que têm relevância para a vida como um todo.

McClelland (1972) e Dolabela e Fillion (2013) sustentam que a prática dos comportamentos empreendedores ao longo do tempo pode cultivar as habilidades necessárias para o sucesso e a prosperidade por meio do empreendedorismo. McClelland (1972) conceitua o empreendedor como aquele que busca satisfazer as necessidades e argumenta que essa motivação intrínseca é fundamental para a adoção de comportamentos empreendedores baseados em valores. Entre as dez habilidades listadas por McClelland, destacam-se a capacidade de assumir riscos, manter uma rede de relacionamentos eficaz e gerenciar recursos com eficiência. Nota-se que esta capacidade descrita pelo autor dialoga com a capacidade de definir uma "perda aceitável" e perseguir o objetivo proposto a partir daí, presente no modelo de efetuação de Sarasvathy (2001) e o gerenciamento eficiente de recursos presentes na proposta de bricolagem, onde o empreendedor parte dos recursos que tem a sua disposição presente no modelo de Baker e Nelson (2005).

As definições de empreendedorismo pela perspectiva da escola de líderes enfatizam as habilidades do empreendedor em construir uma visão coletiva e compartilhada, permitindo que ele alcance seus objetivos por meio de colaboração e união com outras pessoas. Sua habilidade de adaptação é um fator chave para seu sucesso como líder. Essas definições são apoiadas pelos estudos bibliométricos conduzidos por Filardi *et al.* (2014) e Ribeiro *et al.* (2018). O construto liderança é um destaque presente em todos os estudos de empreendedorismo e, conforme estudos de European Commission (2017), a liderança é subdividida em outras competências para atualizar o conceito na habilidade de trabalhar com outras pessoas, mobilizar

peças e valorizar ideias. A perspectiva de liderança também encontra respaldo na visão de Sarasvathy (2001). Ela sustenta a ideia de que estabelecer uma rede de relacionamentos e orientar indivíduos em direção a uma visão de futuro que seja construída em conjunto é uma maneira de empreender alinhada com o conceito de efetuação. Essa abordagem transforma o processo de empreendedorismo em uma lógica coletiva de mudança social, impulsionando não apenas o sucesso dos negócios, mas também a geração de empregos e renda. Também para McClelland (1972), um dos dez comportamentos empreendedores está baseado na habilidade de persuasão e rede de relacionamento, o que fará do empreendedor uma pessoa que seja capaz de convencer e conduzir as pessoas para um objetivo, demonstrando a convergência da literatura sobre esta característica, no entanto, não sendo ela a única necessária ou que sozinha seja determinante.

A administração científica contribuiu no desenvolvimento da compreensão do termo empreendedorismo. Os economistas clássicos, como Cantillon, Say e Schumpeter, que são os pioneiros do conceito, estavam fortemente envolvidos na análise do empreendedor como o motor por trás do desenvolvimento econômico. No entanto, os pesquisadores, nessa área, resistiram à inclusão de aspectos não quantitativos na economia, resultando na transformação do papel do empreendedor de um agente chave na produção econômica para um articulador dos meios de produção, assumindo os riscos envolvidos. Além disso, os estudos nessa área, frequentemente, substituíram elementos qualitativos por quantitativos (Filion, 1999; Verga; Silva, 2015). Nesse contexto, a escola clássica, como delineada na Tabela 1, direcionou sua atenção para os aspectos inovadores enfatizados por Schumpeter.

A abordagem da administração científica procurou integrar diversas disciplinas que debatem o empreendedorismo sob a perspectiva epistemológica da educação inicial. Isso envolve economistas, sociólogos, psicólogos e outros estudiosos, todos dentro do escopo de uma mesma escola, como nomeada por Cunningham e Lischeron (1991) como escola clássica. A base para essa abordagem unificadora reside na natureza interdisciplinar do empreendedorismo. Esta abordagem reconhece que aprender e ensinar a ser empreendedor é possível a partir de diversas perspectivas teóricas sobre o fenômeno (Filion, 1999; Verga; Silva, 2015; Drucker, 1987; Filardi *et al.*, 2011). Esta escola acaba por concentrar-se no aspecto da organização de empreendimentos e assunção de riscos, que é uma das características do comportamento empreendedor descrita por McClelland (1972) e parte constante na escola das características psicológicas (behavioristas). O aspecto do assumir riscos calculados é um dos elementos que também são conduzidos na pesquisa até os dias atuais, conforme descrito por Sarasvathy (2001), onde parte do processo de efetuação se dá quando foram definidas as perdas aceitáveis ou o grau de risco que é aquele aceitável no processo de empreender.

O que Cunningham e Lischeron (1991) identificaram com a Escola Intraempreendedora, revela que a capacidade das organizações de se adaptarem e sobreviverem depende das ações diárias de seus gestores, que podem ser equiparadas aos comportamentos empreendedores. Assim, as organizações aproveitam seus colaboradores para impulsionar a inovação (um conceito clássico do empreendedorismo) e aumentar a competitividade. Para alcançar isso, os funcionários são capacitados com liberdade de ação, assumindo riscos para concretizar uma visão

e agindo como se fossem proprietários da organização. Essa escola oferece a perspectiva de que qualquer colaborador, independentemente de sua posição, pode ser considerado um empreendedor ao praticar esses comportamentos. Essa visão é respaldada por Busenitz e Barney (1997) e Fillion (1999).

Das abordagens relacionadas por Cunningham e Lischeron (1991) apenas a Escola de Administração é direcionada, especificamente, a ideia de organizar um empreendimento econômico, sendo que as demais escolas levam a aplicação em características pessoais a serviço de um negócio, existente ou não, sendo que a Escola Intraempreendedora se utiliza destas características empreendedoras para a renovação e expansão em negócios pré-existentes.

Um destaque proveniente das pesquisas mais recentes é o surgimento de um campo de estudo no empreendedorismo que não foi abordado na pesquisa inicial de Cunningham e Lischeron (1991). Esse campo é conhecido como Empreendedorismo Social e entende-se que seja uma adição apropriada para inclusão como uma nova escola. Griffiths *et al.* (2013) definem esse novo campo como focado na geração de valor social para membros desfavorecidos da sociedade, contrastando com as concepções tradicionais de empreendedorismo que se concentram na geração de valor financeiro e progresso econômico para os empresários. Portanto, o empreendedor social é definido como alguém que aplica os comportamentos empreendedores para a articulação de recursos em busca do sonho de prosperidade e justiça social. Lopes e Lima (2019) reforçam essa perspectiva, classificando o empreendedorismo social como um campo em ascensão e promissor para pesquisas em estudos sobre empreendedorismo.

Em estudos que visam aprofundar nas questões epistemológicas do campo de estudo do empreendedorismo, a natureza multidisciplinar confere uma complexidade potencial à descrição do campo e resulta em definições heterogêneas. Shane e Venkataraman (2000), Julien (2010) e Verga e Silva (2015) exploram essa complexidade e o crescimento contínuo do campo, enfatizando a necessidade de manter esse progresso, como destacado por Verga e Silva (2015). Isso ressalta a importância de um avanço contínuo no campo do empreendedorismo, indo além do aumento da quantidade de pesquisadores para uma progressão substantiva.

Nessa linha de raciocínio, Shane e Venkataraman (2000) ampliam a definição de empreendedorismo de forma mais abrangente e, portanto, frequentemente mais aceita. Eles definem o empreendedorismo como o estudo das fontes de oportunidades para criar algo novo (seja produtos, serviços, mercados, processos de produção ou matérias-primas) e também abordam o processo de descoberta, exploração e avaliação por parte dos indivíduos que identificam essas oportunidades. Esses indivíduos avaliam e exploram essas novas ideias, utilizando diversos meios para alcançar um objetivo. No entanto, o fenômeno do empreendedorismo é complexo e envolve aspectos tanto epistemológicos quanto ontológicos, o que o torna um tema de discussão intenso entre os estudiosos do campo. Isso é evidenciado pela falta de consenso em várias definições, especialmente, quando se trata da própria palavra "empreendedor", como observado por Verga e Silva (2015).

Para ilustrar a complexidade na explanação do fenômeno do empreendedorismo, este ensaio adota a abordagem multidisciplinar e se apoia nas raízes epistemológicas do fenômeno em questão. Esta abordagem se fundamenta em

base teórica que acompanha a evolução do campo, como destacado por estudiosos como Shane e Venkataraman (2000), Julien (2010) e Verga e Silva (2015), demonstrado na Tabela 2 com a finalidade de dar luz as possíveis abordagens que vão dar origem às diferentes definições.

**Tabela 2** - As diferentes abordagens do empreendedorismo

<b>Área Abordagem</b>	<b>O Empreendedor</b>	<b>A Empresa ou Organização</b>	<b>O Ambiente ou Meio Territorial</b>
Antropológica e Psicológica ou Behaviorista	Suas características (origem, cultura, educação, formação)	Pessoal e Centralizada (dependência do empreendedor no início)	Pessoal ou não considerado
Sociológica	Um criador de organização	Associada a outras e à sociedade, ela é mais importante que o próprio empreendedor	A organização é parte do tecido industrial e do desenvolvimento da região: gera empregos e produtos
Geográfica ou de Economia Regional	Um dos principais atores, mas não o único	Elementos de diversificação ou não	Fortes laços com o meio e vice-versa
Econômica	Simple agente econômico	Parte da estrutura setorial e resposta às necessidades do mercado	O Dinamismo da empresa parte da conjuntura e outros ciclos econômicos de médio e longo prazo
Administração	Agente Identificador/criador de oportunidades economicamente viáveis	Combinação de esforços voltado para um objetivo	Exerce influência na gestão devido a propensão a atividade empreendedora

Fonte: Verga e Silva (2015, p. 9), adaptado de Julien (2010).

Diferentemente da abordagem da Tabela 1, que se concentrou nas escolas de pensamento que interpretaram o empreendedorismo de maneira diversa, de acordo com a concepção do empreendedor, a abordagem proposta por Verga e Silva (2015), apresentada na Tabela 2, busca examinar as definições de empreendedorismo dentro de um escopo delimitado do campo de estudo, especialmente, no contexto epistemológico desse fenômeno. Essa abordagem se apoia em contribuições de diversas disciplinas para fundamentar e esclarecer a complexidade do objeto de estudo.

Uma apreensão abrangente do empreendedorismo é aprimorada pela exploração de distintas abordagens disciplinares. Abordagens econômicas, sociológicas e psicológicas proporcionam *insights* valiosos sobre o comportamento empreendedor e seu impacto na sociedade. A adoção de uma análise multidisciplinar facilita a integração de conceitos, contribuindo para uma compreensão completa do fenômeno, convergindo para uma perspectiva de empreendedorismo que ultrapassa a figura isolada do empreendedor, adentrando no âmbito coletivo e sistêmico.

Na perspectiva Antropológica e Psicológica, ressalta-se a influência das características individuais, como origem, cultura, educação e capacitação, na formação do empreendedor. Autores como McClelland (1972, 1987) e Dolabela e Fillion (2013) destacam como os valores pessoais e motivações intrínsecas

desempenham um papel fundamental na busca pelo sucesso empreendedor. Essa perspectiva converge com a teoria da efetuação de Sarasvathy (2001), que percebe o empreendedorismo como um processo de resolução de problemas, adaptado a marcos menores ou riscos aceitáveis.

A abordagem Sociológica destaca o empreendedorismo como um agente de mudança social e econômica, que cria organizações integradas ao tecido industrial e ao desenvolvimento regional. Autores como Filardi *et al.* (2014) e Ribeiro *et al.* (2018) enfatizam como o empreendedorismo transcende o indivíduo, contribuindo para a geração de empregos, produtos e transformação social. Nessa visão, a empresa não é apenas uma entidade isolada, mas uma força que impacta e é impactada pelo ambiente circundante.

A perspectiva Geográfica ou de Economia Regional reconhece a interconexão entre o empreendedor e o meio territorial. Autores como Julien (2010) e Verga e Silva (2014) enfatizam como o empreendedorismo não apenas diversifica a economia local, mas também fortalece os laços econômicos e sociais entre a empresa e o ambiente regional. O empreendedorismo é visto como um fator vital para o desenvolvimento sustentável e a prosperidade da região.

Na abordagem Econômica, o empreendedorismo é entendido como um agente de inovação e criação de valor econômico. Autores como Baker e Nelson (2005) e McClelland (1987) destacam como a capacidade de identificar oportunidades e gerar valor impulsiona a dinâmica competitiva. O empreendedorismo é influenciado pelos ciclos econômicos de médio e longo prazo, respondendo às demandas do mercado e adaptando-se às condições econômicas em constante mudança.

Por sua vez, a perspectiva da Administração ressalta o empreendedor como um agente identificador de oportunidades e criador de valor por meio da combinação eficaz de recursos e esforços. Autores como Busenitz e Barney (1997) e Fillion (1999) destacam a importância das competências empreendedoras na gestão organizacional, impulsionando a inovação e a eficiência operacional.

As perspectivas multidisciplinares enriquecem a compreensão do empreendedorismo ao se considerar não apenas o indivíduo empreendedor, mas também as complexas interações entre organizações e seu conjunto de pessoas. Essa abordagem permite analisar o empreendedorismo como um fenômeno coletivo, alinhando-se à concepção de Efetuação de Sarasvathy (2001) e à percepção de bricolagem de Baker e Nelson (2005), onde a organização de pessoas emerge como um recurso fundamental no empreendedorismo. Essa visão coletiva destaca a importância da colaboração e da coordenação em direção a objetivos em comum, conectando-se com as ideias de McClelland (1972, 1987). A análise multidisciplinar também lança luz sobre a influência da cultura no empreendedorismo. Ao entender a cultura como um determinante-chave, pode-se explorar como diferentes contextos culturais influenciam a propensão para a ação empreendedora, a inovação e a busca pela independência. Essa perspectiva permite identificar maneiras de fomentar uma mentalidade empreendedora em diversas culturas, incentivando ações proativas, autonomia e criatividade. Com essas reflexões, amplia-se a compreensão do empreendedorismo, considerando suas dimensões coletivas, culturais e econômicas, além de que evidenciamos a importância de abordagens multidisciplinares para uma análise mais completa e contextualizada desse fenômeno dinâmico.

## **Considerações finais**

O presente artigo percorreu as definições de empreendedorismo, baseando-se nos estudos de Cunningham e Lischeron (1991). Utilizou-se a mesma lógica de organização das escolas nas definições do empreendedor e também atualizou as definições do construto, incorporando as publicações mais recentes. Dessa maneira, o ensaio atingiu seu objetivo de debater o empreendedorismo com uma análise integrativa e multidisciplinar, destacando a interdisciplinaridade do tema por meio das diversas abordagens apresentadas no campo de estudos em crescimento.

Foram consideradas ainda as adaptações a partir dos estudos mais recentes, e o destaque de sete diferentes escolas de empreendedorismo. Essas escolas abrangem desde a perspectiva das características pessoais até a visão das características psicológicas, a qual compreende que os comportamentos de uma pessoa, embasados em seus valores, a impulsionam ao desejo de empreender. Essa abordagem também sugere que essas características e valores podem ser aprendidos e aprimorados ao longo da vida. Em seguida, registra-se a escola clássica, que coloca a inovação no centro do comportamento empreendedor, valorizando a criatividade e a busca por descobertas. A perspectiva da escola de administração, em parceria com a ciência da administração, parte do pressuposto de que os empreendedores podem ser treinados, combinando suas funções com técnicas de gestão para otimizar a combinação de recursos em busca de resultados. A abordagem da escola de líderes enfatiza que os empreendedores reconhecem a importância da colaboração para alcançar objetivos, destacando a habilidade de motivar, liderar e se adaptar às necessidades do grupo. A escola do intraempreendedorismo, ao compreender a complexidade das organizações, valoriza a capacidade das pessoas empreendedoras de entender e promover as adaptações necessárias para expandir serviços, criar e comercializar, desempenhando um papel central na transformação organizacional (Busenitz; Barney, 1997; Fillion, 1999). Por fim, a escola do empreendedorismo social emerge diante de problemas sociais que, inicialmente, seriam de responsabilidade do setor público. Os empreendedores sociais buscam gerar valor social, melhorando a vida das pessoas menos favorecidas, promovendo a distribuição de riqueza e o acesso a serviços essenciais, como moradia, educação e segurança alimentar.

Nesse contexto, torna-se evidente o caráter multidisciplinar do empreendedorismo, uma vez que sua definição é heterogênea e dispersa, possibilitando diversas abordagens de acordo com a área na qual o construto está sendo definido. Em relação aos aspectos ontológicos do empreendedorismo, diversas perspectivas podem ser debatidas, como a Antropológica e a Psicológica, que colocam as características do empreendedor como pontos centrais de análise. A abordagem Sociológica considera o papel da organização como parte integrante da sociedade, indo além do mero agente econômico. A perspectiva Geográfica ou Econômica examina como o empreendedor responde às demandas do mercado, desempenhando o papel de agente econômico. A abordagem da Ciência da Administração enfatiza a importância de combinar esforços em direção a objetivos comuns, resultando na criação de oportunidades viáveis.

Em conclusão, o empreendedorismo, como um tópico em constante crescimento, oferece um vasto campo para pesquisas futuras. Isso abrange tanto a

investigação das escolas e características emergentes à medida que a sociedade evolui, quanto a continuação dos debates visando a construção de uma definição mais uniforme, com a redução das lacunas ainda presentes. Nesse sentido, recomenda-se evolução das pesquisas na busca de maior clareza quanto ao papel do empreendedorismo no desenvolvimento econômico e na distribuição de renda e riqueza na sociedade. Com indicadores melhor definidos, para além dos indicadores de abertura de empresas e renda dos micro e pequenos empreendedores, mas também com indicadores de como as competências empreendedoras podem impactar e contribuir, por exemplo, no nível de produtividade das organizações já existentes. Além disso, há uma oportunidade para a pesquisa contribuir para a formulação de políticas públicas capazes de fomentar a criação de mais empreendedores como um meio de emancipação, bem como para a melhoria do ambiente empreendedor e o estabelecimento de segurança jurídica, visando continuar estimulando a ação empreendedora no país.

Por fim, à medida que este estudo percorreu diversas definições e abordagens do empreendedorismo, emergiu uma visão abrangente e multifacetada desse fenômeno. Através da análise das escolas de empreendedorismo, foi possível compreender que o empreendedorismo não se limita a um indivíduo isolado, mas sim a um empreendimento coletivo que envolve características pessoais, valores, inovação, liderança e adaptação ao ambiente. Essas perspectivas multidisciplinares enriquecem o entendimento do empreendedorismo como um campo em constante evolução.

À luz das contribuições de autores pesquisados neste estudo, pode-se considerar o empreendedorismo como um fenômeno que transcende fronteiras disciplinares. Questionamentos relevantes surgem para fomentar pesquisas futuras: Como a interseção entre características pessoais e valores molda o comportamento empreendedor? Como a inovação e a liderança se entrelaçam no contexto da criação de novos empreendimentos? Além disso, o papel crucial do empreendedorismo no desenvolvimento econômico e na melhoria das condições sociais nos convida a explorar ainda mais suas ramificações e a buscar maneiras de fomentar uma cultura empreendedora em diversos contextos, sobretudo em mudanças no sistema de ensino para suportar estas competências cada vez mais cedo.

À medida que o campo avança, é fundamental considerar não apenas as definições estabelecidas, mas também as lacunas e desafios que persistem. A busca pela uniformidade conceitual, assim como a construção de uma base sólida para políticas públicas e iniciativas empreendedoras continuam sendo metas importantes à medida que outros pesquisadores se debruçarem sobre essas questões. Este trabalho serve como um convite à reflexão contínua e à colaboração interdisciplinar, visando aprimorar nosso entendimento do empreendedorismo e suas implicações para a sociedade.

## Referências

Baker, T.; Nelson, R. E. Creating Something from Nothing: Resource Construction through Entrepreneurial Bricolage. **Administrative Science Quarterly**, v. 50, n. 3, 329–366, 2005, DOI <https://doi.org/10.2189/asqu.2005.50.3.329>

Busenitz, L. W.; Barney, J. B. Differences between entrepreneurs and managers in large organizations: Biases and heuristics in strategic decision-making. **Journal of Business Venturing**, v. 12, n. 1, p. 9–30, 1997, DOI [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(96\)00003-1](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(96)00003-1)

Cunningham, J. B.; Lischeron, J. Defining Entrepreneurship. **Journal of Small Business Management**, v. 1, n. 29, p. 45–61, 1991. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/270820230>

Dolabela, F. **Oficina do Empreendedor**, 1st ed., vol. 1. Editora Sextante, 2008.

Dolabela, F.; Fillion, L. J. Fazendo Revolução no Brasil: A Introdução da Pedagogia Empreendedora nos Estágios Iniciais da Educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 2, p. 134–181, 2013.

Drucker, P. F. **Inovação e espírito empreendedor** (entrepreneurship): práticas e princípios. 2 ed. Pioneira, 1987.

European Commission; Joint Research Centre; Bacigalupo, M.; Kamylyis, P.; Punie, Y. **EntreComp**: the entrepreneurship competence framework, Publications Office, 2017.

Filardi, F.; Silveira, F. de A.; Capra, L. P.; Pereira, L. dos S.; Abreu, M. A. dos S. Desde os Primórdios até hoje em dia será que o Empreendedor ainda faz o que Schumpeter dizia? Evolução das Características Empreendedoras de 1983 a 2010. **Revista de Informação**, v. 12, n. 6, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/236735314>

Filardi, F.; Barros, F. D.; Fischmann, A. A. Do Homo Empreendedor ao Empreendedor Contemporâneo: Evolução das Características Empreendedoras de 1848 a 2014. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 13, n. 03, p. 123–140. <https://doi.org/10.5585/riae.v13i3.2130>

Fillion, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **RAU SP Management Journal**, v. 34, n. 2, p. 05–28, 1999. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/18122/empreendedorismo--empreendedores-e-proprietarios-gerentes-de-pequenos-negocios/i/pt-br>

Griffiths, M. D.; Gundry, L. K.; Kickul, J. R. The socio-political, economic, and cultural determinants of social entrepreneurship activity: An empirical examination. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 20, n. 2, p. 341–357, 2013. DOI <https://doi.org/10.1108/14626001311326761>



Julien, P. A. Empreendedorismo Regional e Economia do Conhecimento (G. F. Mós e J. R. de Queiroz), vol. 1. Editora Saraiva, 2010.

Lopes, R. M. A.; Lima, E. Current challenges and promising avenues for entrepreneurship research. **RAE Revista de Administração de Empresas**, v. 59, n.4, p. 284–292, 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/S0034-759020190406>

McClelland, D. C. **A sociedade competitiva**: realização e progresso social (Vol. 1). Expressão e Cultura, 1972.

McClelland, D. C. Characteristics of Successful Entrepreneurs. **The Journal of Creative Behavior**, v. 21, n. 3, p. 219–233, 1987. DOI <https://doi.org/10.1002/j.2162-6057.1987.tb00479.x>

McClelland, D. C.; Winter, D. G.; Larrere, J.; Nathan, M. Identifying competencies with behavioral-event interviews. **Psychological Science**, v. 9, n. 5, p. 331–339, 1998. DOI <https://doi.org/10.1111/1467-9280.00065>

McClelland, D. C. Characteristics of Successful Entrepreneurs. **The Journal of Creative Behavior**, v. 21, n. 3, p. 219–233, 1987. DOI <https://doi.org/10.1002/j.2162-6057.1987.tb00479.x>

Pastore, J. As teorias psicossociais do desenvolvimento econômico: comentários críticos. **Revista de Administração de Empresas**, v. 10, n. 1, p. 79–94, 1970. DOI <https://doi.org/10.1590/S0034-75901970000100005>

Ribeiro, A. T. V. B.; Uechi, J. N.; Plonski, G. A. Building builders: entrepreneurship education from an ecosystem perspective at MIT. **Triple Helix**, v. 5, n. 1, 2018. DOI <https://doi.org/10.1186/s40604-018-0051-y>

Sarasvathy, S. D. Causation and Effectuation: Toward a Theoretical Shift from Economic Inevitability to Entrepreneurial Contingency. **The Academy of Management Review**, v. 26, n. 2, p. 243, 2001. DOI <https://doi.org/10.2307/259121>  
SCHUMPETER, J. Capitalismo, socialismo e democracia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

Shane, S.; Venkataraman, S. (2000). The Promise of Entrepreneurship as a Field of Research. **The Academy of Management Review**, v. 25, n. 1, p. 217, 2000. DOI <https://doi.org/10.2307/259271>

Verga, E.; Soares da Silva, L. F. EMPREENDEDORISMO: EVOLUÇÃO HISTÓRICA, DEFINIÇÕES E ABORDAGENS. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 3, 03, 2015. DOI <https://doi.org/10.14211/regepe.v3i3.161>